



**HANNß, Katja.** (2008). *Uchumataqu. The lost language of the Urus of Bolivia. A grammatical description of the language as documented between 1894 and 1952.* The Netherlands: Research School CNWS, Universiteit Leiden. Pp. 303. ISBN 978-90-5789-158-8. (Paper). • 40.00.

O sétimo volume da coleção editada pela Universidade de Leiden “Indigenous Languages of Latin America”, *Uchumataqu. The lost language of the Urus of Bolivia. A grammatical description of the language as documented between 1894 and 1952* deixa evidente o rigoroso trabalho de investigação de fontes e análise lingüística empreendido por Katja Hannß, pesquisadora do projeto DoBeS “Uru-Chipaya” de 2005 a 2007. Seu objeto de estudo é a língua Uchumataqu, falada, como informa a autora, até aproximadamente 1950 pelos Uru na região do lago Titicaca nas comunidades de Irohito (situada no nordeste da Bolívia) e de Ch’imu (localizada no sudeste do Peru), assim como na Baía de Puno, em território peruano.

A autora inicia o primeiro capítulo caracterizando a língua Uchumataqu por meio de um breve panorama de seus sistemas fonológico e morfológico, bem como de um exame de suas relações com o Chipaya (única língua da família Uru-Chipaya atualmente em uso) e de um balanço das influências nela exercidas pelo Aymara, pelo Quechua e pelo Espanhol.

Ainda nesse capítulo, a autora expõe seus referenciais teórico-metodológicos, reconstrói a trajetória do povo Uru (e de sua língua) dos tempos da conquista aos dias atuais e descreve as fontes de que retirou os dados para suas análises lingüísticas. Ao abordar os aspectos teórico-metodológicos de seu trabalho, a autora afirma que preferiu não se filiar a nenhuma corrente teórica específica, mas pretendeu desempenhar uma tarefa fundamentalmente descritiva. Para tanto, valeu-se do que vem sendo chamado de ‘Basic Linguistic Theory’. Desse modo, pôde atingir dois de seus principais objetivos: analisar detidamente os documentos existentes sobre a língua Uchumataqu e elaborar uma gramática acessível a qualquer lingüista contemporâneo.

Conforme aponta o subtítulo de sua obra, as fontes de Katja Hannß foram trabalhos sobre o Uchumataqu produzidos entre 1894 e 1952. Esse material corresponde, de um lado, a toda a documentação disponível sobre aquela língua e, por outro, a um conjunto bastante heterogêneo no que tange à natureza, à abrangência e à confiabilidade dos registros. Sendo assim, ganha relevo a precisa caracterização que a autora faz de cada uma dessas fontes, levando em conta não apenas a natureza do documento (manuscrito inédito/ trabalho publicado) e o tipo de dados focalizados (lexicais/ gramaticais; itens isolados/ sentenças/ textos), mas também a formação acadêmica dos diversos pesquisadores e todas as informações recuperáveis acerca das condições de coleta dos dados.

Com base em tais critérios, ela estabelece seu julgamento acerca da confiabilidade de cada fonte, como um todo. Durante esse processo, Katja Hannß considera materiais de central importância para o estudo do Uchumataqu os trabalhos de Max Uhle (1856-1944) e Alfred Métraux (1902-1963). Hoje sob a guarda do Instituto Ibero-Americano de Berlim, os manuscritos de Uhle, além de conterem informações de caráter gramatical, representam a documentação mais antiga acerca da língua e funcionam como um retrato de uma fase em que ela gozava de maior vitalidade. Segundo a autora, o artigo de Métraux (publicado no



*Journal de la Société des Americanistes* em 1935) não recebeu o devido valor da parte dos estudiosos posteriores do Uchumataqu. Ela chama nossa atenção tanto para a qualidade do texto de Métraux (que assegura ser “highly reliable and informative”, p. 43) quanto para o grau significativo de concordância entre as observações daquele pesquisador e as de Uhle.

A comparação minuciosa entre as fontes foi capaz também de revelar à autora a crescente influência do Aymara (língua que os Uru terminaram por adotar) sobre a língua Uchumataqu, perceptível através do contraste entre os registros realizados até o início da década de 1930 e os posteriores. Enquanto há morfemas atestados por Max Uhle, Alfred Métraux e Walter Lehmann (que viveu entre 1878 e 1939 e cujos manuscritos sobre a língua Uchumataqu referem-se a uma viagem em 1929) que não constam dos trabalhos de Jean Vellard (1901-1996), há morfemas presentes exclusivamente nos textos de Vellard – que esteve entre os Uru de Irohito várias vezes entre 1938 e 1952. Katja Hannß pôde constatar, por exemplo, que a marca *-la* de primeira pessoa do plural do imperativo (cf. p. 242) enquadra-se no primeiro caso e que a marca de afirmativo *-pini*, mencionada somente por Vellard, configura um empréstimo recente do Aymara (cf. p. 273).

Assim como mapeou os trabalhos em que *-la* e *-pini* marcaram presença, Katja Hannß verificou quantos registros continham cada um dos dados lingüísticos identificados, fornecendo, lexema a lexema e afixo a afixo, a melhor avaliação possível de sua representatividade e confiabilidade. Ao longo dos seis capítulos de sua descrição gramatical, são várias as notas que dão notícia desse procedimento, como “The word *huwa-* ‘alert’ cannot be verified for sources other than Velard” (p. 284, nota 648) ou “[...] the expression [*uskatan-kama/ uskatan-kasi*] occurs only once and cannot be verified for other sources than Métraux and therefore I do not regard it as a meaningful form of Uchumataqu” (p. 253, nota 572).

No segundo capítulo, dedicado à fonologia, Katja Hannß relata algumas das dificuldades impostas pela falta de uniformidade entre as fontes. Diante da inconsistência na marcação do acento, que se dá inclusive no interior de um mesmo artigo ou manuscrito, tornou-se impraticável a notação da sílaba tônica nos exemplos transcritos na obra. Os distintos (e nem sempre consistentes) sistemas de transcrição utilizados por cada pesquisador, que chegavam a incluir símbolos cujo valor os textos não esclareciam, complicaram o processo de reconhecimento dos fonemas da língua. Por conta da natureza dos materiais analisados, a autora viu-se impedida de levantar pares mínimos. Em consequência disso, considerou fonemas os sons representados em todas, ou em quase todas, as fontes. Como em vários outros momentos do livro, ela lembra as inevitáveis limitações de suas análises, que não puderam se apoiar no trabalho de campo, sublinhando que as distinções entre fonemas e não-fonemas carecem de uma confirmação definitiva. A despeito disso, ela delinea vários processos fonológicos atuantes no Uchumataqu como a vocalização e a metátese, além de investigar o processo de adaptação fonético-fonológica dos empréstimos. Aliás, por toda a obra, a autora adverte em notas de rodapé quais palavras e afixos presentes nos exemplos provêm do Aymara, do Quechua ou do Espanhol, trazendo importantes indicações acerca das consequências do contato lingüístico na região andina.

Vale ressaltar que a forma de apresentação dos fonemas propostos patenteia uma preocupação constante da autora: a de facilitar a compreensão dos lingüistas atuais sem



prejudicar a fidelidade às fontes. Isso porque Katja Hannß emprega os símbolos IPA como título das várias subseções, mas repete a transcrição adotada pelo artigo ou manuscrito nas palavras de que se serve na exemplificação.

O exame detalhado da morfologia do Uchumataqu tem lugar no terceiro capítulo, parte em que a autora aborda os fenômenos de cliticização e de afixação, assim como a formação e produtividade dos compostos e a ocorrência da reduplicação nas diversas classes de palavras. Com base em uma investigação acurada acerca das características estruturais dos diferentes tipos de lexemas, Katja Hannâ reconhece as classes dos nomes, dos verbos e dos adjetivos e afirma que os advérbios assumem uma posição intermediária, posto que os advérbios de tempo e de lugar podem receber morfemas de caso próprios dos nomes, enquanto os de modo e intensificadores podem se juntar ao predicador *-kasi* (sempre presente nos adjetivos que exercem função predicativa).

No quarto capítulo, a autora expõe de maneira detalhada o sistema nominal do Uchumataqu. Primeiramente, ela descreve o funcionamento dos diversos sufixos nominais, a exemplo do separativo *-kistana*, do comitativo-instrumental *-stani* e do terminativo *-kama* (que ela filia ao Quechua e/ou Aymara). A seção seguinte, consagrada ao estudo dos pronomes, faz referência a outro dos problemas acarretados pela falta de uniformidade das fontes: a considerável variação dos pronomes pessoais. Mais uma vez, a autora contemplou na sua descrição a forma usada no maior número de documentos.

Na seqüência, ganham relevo os adjetivos, arrolados de maneira exaustiva na Tabela 4.17 da página 204 e examinados em sua função atributiva e predicativa. Concluindo o quarto capítulo, a autora lança luz sobre o sistema de numerais do Uchumataqu, de natureza decimal e com a participação da marca de possessivo – *i* posposta ao cardinal indicativo da unidade.

A morfologia verbal do Uchumataqu constitui o assunto do quinto capítulo. Nele, a autora delimita um sistema de marcação temporal fundado na oposição futuro/ não-futuro com marcadores específicos para o presente simples (no caso da primeira pessoa do singular), para o presente habitual, para o passado e para o futuro. Além disso, caracteriza as funções desempenhadas pelo sufixo *-t* no sistema aspectual da língua, determina o processo de nominalização de ações, descreve as inflexões de modo e de modalidade, examina os marcadores de subordinação e propõe a existência de um sufixo de validação. Em sua abordagem dos marcadores de subordinação, a discordância entre as informações da tabela 5.3 e o texto que lhe acompanha (p. 236) dificulta, infelizmente, a compreensão do leitor.

No sexto capítulo, a autora focaliza os advérbios, as quatro posposições identificadas e o morfema de negação *ana*. Ela nos informa, por exemplo, que pôde reconhecer oito advérbios de tempo, que contrastam com o reduzido número de advérbios de modo registrados nas fontes. Ao contrário de outras classes de advérbios, os últimos podem receber morfologia adjetival ou clíticos oracionais como o declarativo *-çay*.

O sétimo e último capítulo dá conta dos diversos tipos de oração em Uchumataqu, bem como trata dos clíticos de natureza oracional (o declarativo *-çay*, o marcador de tópico *-ki* e o afirmativo *-pini*) e da série de clíticos pessoais. Sem paralelo em Quechua ou Aymara, os clíticos pessoais *-l*, *-m* e *-s* indicam, respectivamente, 1ª, 2ª e 3ª pessoa. De



acordo com Katja Hannß, eles seriam responsáveis por marcar a referência de pessoa nas sentenças interrogativas, ao passo que nas sentenças declarativas figurariam sempre ao lado de outros mecanismos indicativos de pessoa, ficando seu emprego vinculado a estratégias de ênfase.

Apesar de abrangente, a descrição gramatical elaborada por Katja Hannß em nenhum momento peca pela superficialidade, examinando de maneira profunda cada um dos elementos revelados através do estudo criterioso das fontes. Essa é uma das qualidades de *Uchumataqu. The lost language of the Urus of Bolivia*, um trabalho realmente exemplar, que ganha ainda mais significado por contribuir decisivamente para a documentação de uma língua extinta há mais de cinquenta anos.

**Beatriz Christino**

(Pesquisadora de Pós-Doutorado/ IEL-UNICAMP/FAPESP)

